

José Ferreira de Moraes: Biografia

José Ferreira de Moraes: Biography

Marcos Jovino Asturian¹, Emerson Chiocheta Roballo²
Bianca Ariadne Santos da Rosa³, Rafael Brites Matoso⁴
Vitória Santana Aloraldo⁵

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo reconstituir a biografia de José Ferreira de Moraes para o conhecimento histórico local (São Borja/RS) e regional. O estudo biográfico configura uma pesquisa dos processos sociais por meio da interação, conflitos, lutas por legitimidade e reconhecimentos no interior dos espaços sociais. Entender o processo histórico do desenvolvimento da medicina local e regional através da atuação do médico José Ferreira de Moraes, bem como o desenvolvimento do espiritismo e suas relações com o catolicismo no universo religioso local são problemáticas que permeiam o respectivo artigo. Para tanto, foram pesquisadas fontes primárias (sobretudo, encontradas na Associação Espírita José Ferreira de Moraes – São Borja) e bibliográficas.

Palavras-chave: Biografia. Espiritismo. História. Medicina. São Borja.

ABSTRACT

The present study aims at reconstituting the biography of José Ferreira de Moraes contributing to local and regional historical knowledge. The biographical study configures a research of social processes through interaction, conflicts, struggles for recognition and legitimacy within social spaces. The understanding of the historical process of local and regional medicine development through the performance of the physician José Ferreira de Moraes as well as, the development of spiritism and their relations with the catholicism in the local religious universe are issues that permeate this article. For this purpose, were researched primary sources (mainly, found at José Ferreira de Moraes Spiritist Association - São Borja) and bibliographical ones..

Keywords: Biography. Spiritism. History. Medicine. São Borja.

1 mjasturian05@hotmail.com - Instituto Federal Farroupilha – Campus Frederico Westphalen

2 emerson.roballo@iffarroupilha.edu.br - Instituto Federal Farroupilha – Campus São Borja

3 bianca_ariadne@hotmail.com - Instituto Federal Farroupilha – Campus São Borja

4 rafaelbritesmatoso@gmail.com - Instituto Federal Farroupilha – Campus São Borja

5 vitorialoraldo@gmail.com - Instituto Federal Farroupilha – Campus São Borja

1. Introdução

O presente trabalho foi desenvolvido entre agosto de 2014 e julho de 2015, no Programa de Apoio à Iniciação Científica no Ensino Técnico (modalidade integrado) - PAIT-ET 1 – do Instituto Federal Farroupilha. A respectiva pesquisa justifica-se devido à necessidade de preencher lacunas historiográficas significativas de estudos sobre São Borja e região. Para tanto, foram pesquisadas fontes primárias (objetos utilizados para o exercício da medicina, diplomas, anotações do biografado em livros do seu acervo pessoal, fotografias e atas) e bibliográficas.

A pesquisa apresenta limitações concernentes aos dados do biografado. Ressalta-se que foram encontradas dificuldades em relação às fontes de pesquisa. Todavia, o relato – que implica um conteúdo e uma intencionalidade em si própria – vai além do procedimento hermenêutico.

A historiadora estadunidense Natalie Davis – em Martin Guerre¹ (1982) – traz um novo elemento no campo da metodologia histórica: a faculdade imaginativa do próprio historiador. “[...] A imaginação é, evidentemente, uma das chaves do hermeneuta. Por meio dela, o historiador é capaz de atingir o ponto essencial do objeto histórico que está analisando [...]” (AURELL, 2010, p. 187).

Portanto, considera-se a legitimação da capacidade do historiador de preencher com a sua imaginação as lacunas da documentação. Obviamente, sem abandonar o rigor documental de todas as suas afirmações, sendo assim, o relato não perde a credibilidade e a verossimilhança.

O estudo biográfico é fundamental para o conhecimento histórico, pois pode revelar contextos, temporalidades, informações, concepções de mundo e expressões de vida significativas para determinados sujeitos, situações sociais em que condensa e se insere (TEDESCO, 2011).

Neste artigo, pretendemos reconstituir os aspectos biográficos de José Ferreira de Moraes tendo em vista a importância do estudo biográfico para o campo histórico. Logo, ao pesquisar a trajetória do biografado poderemos compreender melhor os processos sociais por meio da interação, conflitos, lutas por legitimidades e reconhecimentos no interior dos espaços sociais. A vida e a obra de José Ferreira de Moraes possibilitam a amplitude do campo histórico, pois proporciona perspectivas de análise no processo histórico do desenvolvimento da medicina local e regional (em fase incipiente, onde muitas vezes a doença era considerada resultado de forças malignas e tratada por benzedeiros e sacerdotes), bem como na propagação do Livro dos Espíritos, de Alan Kardec, em uma comunidade profundamente influenciada pelo catolicismo.

Portanto, pesquisar os aspectos biográficos de José Ferreira de Moraes – homem complexo, que transitou pelo “natural” e “sobrenatural” em contextos políticos marcantes – é essencial para compreendermos a história e a construção da identidade cultural da comunidade são-borjense.

2. A importância da “história regional”

O estudo da região – como unidade que apresenta uma lógica interna ou um padrão que a singulariza, e que ao mesmo tempo pode ser vista como uma unidade a ser inserida ou confrontada em contextos mais amplos – abrange muitas possibilidades. Portanto, o estudo do local e do regional não pode ser desvinculado de um contexto mais amplo, ou seja, ao focalizar o peculiar, redimensiona-se a análise de contextos maiores, que ressaltam identidades e semelhanças, enquanto os conhecimentos locais e regionais ressaltam a diferença e a diversidade, focalizando o indivíduo no seu meio sócio-histórico.

Na perspectiva de uma história regional que insiste na relação entre a parte – a região – e o todo – o sistema que a contém –, aponta-se para a complexidade do trabalho

1 Ver: DAVIS, Natalie Z. **O Retorno de Martin Guerre**. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

do historiador que se dedica a estudos de história regional, visto ser essa história não uma mera narração e descrição de fatos sem nenhuma preocupação de ordem teórica e metodológica (...) a história regional pode fornecer novas leituras da história justamente porque privilegia o singular, a particularidade não estanque em si mesma (RECKZIEGEL; COLUSSI; 2004, p. 33).

Grosso modo, uma região é uma unidade definível no espaço, que se caracteriza por uma relativa homogeneidade interna com relação a certos critérios. Os elementos internos que dão uma identidade à região – e que só se tornam perceptíveis quando estabelecemos critérios que favoreçam a sua percepção – não são necessariamente estáticos. Daí que a região também pode ter sua identidade delimitada e definida com base no fato de que nela é perceptível certo padrão de inter-relações entre elementos dentro dos seus limites (GOUBERT, 1992).

Além disso, ela pode ser compreendida como um sistema de movimento interno. Por outro lado, além de ser uma porção do espaço organizada de acordo com um determinado sistema ou identificada por meio de um padrão, a região quase sempre se insere ou pode se ver inserida em um conjunto mais vasto.

3. A biografia histórica

Etimologicamente, o termo biografia é oriundo do grego *bios* = vida e *graphein* = escrever, inscrever, acrescido de *ia*, um formador de substantivo abstrato. Na Antiguidade, o termo biografia entendido como “relato de vidas” parece ter ocorrido inicialmente em Damásio, cerca de 500 d. C. “(...) Na língua francesa, o termo aparece somente no *Dictionnaire* de Trévoux, em 1721, Emile Littré, no *Dictionnaire de la langue française* (1800-1801), definiu: ‘Biografia: espécie de história que tem por objetivo a vida de uma só pessoa’ (BORGES, 2005, p. 204).

A gênese da biografia é concomitante ao gênero histórico na Grécia do século V. Todavia, o contexto da *pólis* grega era de privilégio do coletivo em detrimento do individual, ou seja, não favoreceu a produção de narrativas biográficas. Destarte, foi somente a partir do século subsequente que a biografia expandiu-se significativamente, principalmente nas culturas helenística e romana.

Desde a antiguidade, a biografia era vista como distinta da história. Contudo, a fronteira que separa a biografia da história foi bastante imprecisa. Após um longo período, em que os historiadores se interessaram pelo coletivo em detrimento do individual, ocorreu uma espécie de revalorização da biografia. Portanto, “[...] o indivíduo voltou hoje a ocupar um lugar central em suas preocupações” (LORIGA, 1998, p. 225).

O que motivou essa revalorização da biografia? De acordo com Schmidt (2012, p. 193), foram vários fatores, destacando-se: a “onda” história-memória, ou seja, personagens do passado recriados com o objetivo de referência para pessoas do presente, ícones de um passado idealizado, servindo de reforço a determinadas identidades de classe, gênero, nação, etc.; a crise do paradigma estruturalista, isto é, os historiadores atuais preocuparam-se em restaurar o papel dos indivíduos na construção dos laços sociais; a terceira geração dos *Annales* – Duby, Le Goff e Vovelle - dedicaram obras importantes a personagens individuais (mas continuavam se atendo à história-problema); a contribuição dos marxistas britânicos (Thompson e Hill); a micro-história a partir da avaliação da liberdade individual em diferentes contextos.

Segundo a historiadora Vavy Pacheco Borges:

No sentido do senso comum, a biografia é hoje certamente considerada uma fonte para se conhecer a História. A razão mais evidente para se ler uma biografia é saber sobre uma pessoa, mas também sobre a época, sobre a sociedade em que ela viveu (BORGES, 2005, p. 215).

Destarte, a biografia detém valor heurístico. A biografia se justifica pela contribuição no avanço das discussões próprias ao conhecimento histórico. Logo “[...] a biografia histórica é, antes de tudo, história, portanto, precisa se pautar pelos procedimentos de pesquisa” (SCHMIDT, 2012, p. 195).

A biografia é importante para o conhecimento histórico. Para os historiadores, os objetivos da pesquisa biográfica estão nos percursos de seus biografados a partir do pressuposto de seus projetos e campos de possibilidade. Logo, a biografia contribui para revelar contextos, temporalidades, pluralidade existente em grupos e instituições, situações sociais, etc.

4. José Ferreira de Moraes: narrativa biográfica

No ano de 1857, quinze dias após o lançamento do Livro dos Espíritos, escrito por Hippolyte León Denizard Rivail, sob o pseudônimo de Allan Kardec – primeira das cinco principais obras que compõem a doutrina espírita – nasce, na Vila de São Borja (Rio Grande do Sul), no dia três de maio, José Ferreira de Moraes, filho do Capitão Manoel Ferreira de Moraes e de Anna Lopes da Silva.

Na infância, presenciou a Guerra do Paraguai (1865/1870), ou seja, o maior conflito armado internacional ocorrido na América do Sul. No dia 10 de junho de 1865, os soldados paraguaios, sob o comando do Coronel Antônio de La Cruz Estigarribia, atravessaram o território argentino pela Província de Corrientes para invadir o Rio Grande do Sul e a Banda Oriental (Uruguai). Apesar das dificuldades, os defensores da Vila de São Borja conseguiram tempo suficiente para evacuar a população civil, levando consigo a maior quantidade possível de pertences através de carretas e mulas.

[...] enfrentaram a guarnição militar local, composta por apenas 370 guardas nacionais, cuja cavalaria se encontrava, em sua maioria, sem fardamento. Apenas uma pequena parcela da infantaria de guarnição brasileira recebera barracas e, ainda, da pouca munição existente parte não servia para as armas que traziam. Nessas condições, os soldados entraram em combate no dia 10 de junho e foram socorridos pelo coronel João Manuel Mena Barreto, com 850 homens, que compunham seu 1º Batalhão de Voluntários da Pátria [...] (DORATIOTO, 2002, p. 172).

A invasão de São Borja ocorreu no dia 12 de junho de 1865. Como a maior parte do contingente populacional havia fugido para o centro do Estado, a vila estava praticamente vazia. O saque e a pilhagem foram inevitáveis, não sendo poupados nem os bens da Igreja de São Francisco de Borja². “Após a invasão e saque em São Francisco de Borja [...], Estigarribia parte em direção à Vila de São Patrício de Itaqui, no dia 19 de junho de 1865 [...]” (COLVERO; ASSIS, 2012, p. 89).

Ainda sobre a retirada da população:

[...] o Coronel João Manuel Mena Barreto se dedicara a comandar a retirada da população [...] Fizeram um rápido bivaque sob as sombras do Capão de Santa Maria (proximidade da atual Vila de Nhu-Porã) [...] enfrentando o sopro gélido e constante do vento sul, todos temerosos de que os paraguaios alcançassem a comitiva em fuga (TEIXEIRA, 2015, p. 95).

Enquanto José Ferreira de Moraes, então com oito anos de idade, fugia na companhia de sua mãe, e seu pai encontrava-se no *front* do respectivo conflito, o espiritismo estava conquistando seu lugar entre os brasileiros que, discretamente, reuniam-se em casas para participarem de sessões

2 A campanha paraguaia foi exitosa na invasão do território sul-rio-grandense apenas em seu início. Posteriormente, os paraguaios renderam-se incondicionalmente em Uruguaiana (RILLO, 2012, p. 20).

fechadas.

Em 17 de junho de 1865, sete dias após a fuga, entra em trabalho de parto, numa carreta ainda em trânsito, em plena serra do Iguariacá, a mãe de José Ferreira de Moraes, que deu à luz uma menina, a qual foi chamada de Manoela³, em homenagem ao seu pai Manoel (OLEA, 2008, p. 4-5).

A Guerra do Paraguai findou em março de 1870, com a morte de Francisco Solano López. Contudo, é razoável – apesar das limitações inerentes à pesquisa histórica – inferir sobre os impactos psicológicos⁴ do conflito na vida do biografado: a separação do pai que partiu para a guerra; a fuga das carretas acompanhando a sua mãe; o nascimento de sua irmã durante a fuga, entre outras questões (OLEA, 2008, p. 6).

Durante a realização da pesquisa, poucos registros sobre a infância do biografado foram encontrados. Após a morte do avô, havia um testamento com uma destinação específica para a educação do neto José Ferreira de Moraes. Logo, o biografado foi estudar no Rio de Janeiro (então capital do Brasil), concluindo o curso de Medicina, cujo título lhe foi conferido em 22 de dezembro de 1881. Cabe ressaltar as dificuldades do deslocamento entre São Borja e Rio de Janeiro no respectivo contexto histórico. “A essa época viajavam no lombo do cavalo até Rio Grande para pegar a navegação costeira, ou então teriam de ir a Buenos Aires pelo Rio da Prata e tomar o navio para o Rio de Janeiro” (OLEA, 2008, p. 7).

De acordo com Eudon Henrique Nunes Olea:

[...] E depois, de ter defendido tese e ser aprovado com distinção, lhe é passada a Carta de Doutor em Medicina, passada em 19 de outubro de 1882. Carta esta passada pelo Diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, médico da Imperial Câmara, Titular da Academia Imperial do Rio de Janeiro, Doutor em Medicina e Diretor desta Faculdade, Comendador Dr. Vicente Cândido Figueiredo de Sabóia [...] Para efeito de informação prevê o Estatuto da Universidade que a aprovação por Distinção somente é conferida ao estudante que obtiver nota superior a 9,51 por disciplina, durante todo o curso (OLEA, 2008, p.8).

No Rio de Janeiro, o jovem José Ferreira de Moraes conciliou os estudos de Medicina com o Espiritismo. As primeiras notícias sobre as “mesas girantes” foram veiculadas na imprensa do Brasil no “Jornal do Comércio”, na capital do país. Portanto, o primeiro momento de difusão da doutrina espírita no Brasil teve como foco irradiador o Rio de Janeiro, especificamente o grupo composto pela colônia francesa (PRIORE, 2014).

Observa-se como público presente, em boa parte dos relatos das mesas girantes e nas reuniões de estudo dos fenômenos, a comunidade acadêmica do curso de Medicina, dentre eles muitos médicos da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, da qual José Ferreira de Moraes, como acadêmico, fazia parte.

Grosso modo, a doutrina espírita era uma crença, na realidade positiva, da existência de espíritos e na sua comunicação com o mundo visível (KARDEC, 1985, p. 9). A respectiva doutrina trouxe um elemento novo para o panorama religioso na Europa, apresentando-se como herdeira da cientificidade e do racionalismo. Apresentava-se como doutrina cristã. Todavia, a singularidade do Espiritismo residiu justamente na busca desta aliança com a ciência.

De acordo com Allan Kardec, os fenômenos mediúnicos que investigou não constituíam manifestações colocadas fora dos limites da natureza. Destarte, a observação, a experimentação e análise para investigar os fenômenos deveriam ser da mesma forma que a Física ou a Química investigava os fenômenos naturais. Logo, para entendermos o surgimento do Espiritismo, é necessário analisar

3 Além de Manoela, o biografado, também tinha duas irmãs mais jovens, porém pouco registro sobre elas é encontrado. Sabe-se que uma delas apresentava problemas psiquiátricos desde tenra idade.

4 Ver: GAY, Peter. Freud para historiadores. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

o contexto histórico do século XIX: “[...] marcado pelas consequências da Revolução Francesa, da Revolução Industrial, do desenvolvimento da ciência e pelos movimentos místicos, utópicos e pelo Romantismo” (MELNITZKI, 2012, p. 73).

A historiadora Mary del Priore indaga:

O que há do “outro lado”? Esta não é uma pergunta feita apenas por historiadores. E, sim, pela sociedade. Religiosos, filósofos, antropólogos, médicos, pesquisadores de várias áreas, além de cidadãos comuns, querem saber [...] (PRIORE, 2014, p.9).

É razoável refletir que as pessoas questionem sobre o que há; o que nos espera; ou ainda se existe um “outro lado”. A dúvida é inerente à condição humana, bem como o desejo de encontrarmos explicações. Por meio dessas e outras questões, o biografado na busca por respostas encontrou o Espiritismo.

Ansiava-se pelo novo. Foi no século XIX que estava se estruturando a forma como pensamos e agimos hoje, era nesse momento que ocorria uma espécie de seleção no mundo das ideias, onde o que levava o nome de científico era cabível para a sociedade e os antigos dogmas passariam a ser vistos como algo contrário ao chamado “progresso”. Foi nesse contexto que ideias positivistas, evolucionistas e abolicionistas tomavam seu lugar entre os intelectuais brasileiros.

Os setores da sociedade brasileira com acesso às informações buscavam respostas nas doutrinas constituídas cientificamente (PRIORE, 2014). Logo, José Ferreira de Moraes – como membro pertencente dessa elite intelectual – encontrou suas respostas em uma doutrina que visava o progresso individual e social, onde uma de suas máximas era, e ainda é: “Fora da caridade não há salvação”. Adotando esse preceito moral, mais tarde, o Dr. Moraes ficou conhecido pela comunidade de São Borja como o “pai dos pobres”, pela demasiada solidariedade, isto é, além de custear remédios, realizava atendimentos gratuitos para a população local em estado de vulnerabilidade social.

O Espiritismo foi hostilizado pela Igreja Católica Apostólica Romana. Cabe ressaltar que, até a promulgação da Constituição de 1891, o catolicismo era a religião oficial do Brasil. A Igreja “[...] via no espiritismo uma tentativa de modernizar a necromancia, condenada por tantos concílios [...]” (PRIORE, 2014, p. 49). Entretanto, a repressão da Igreja multiplicou as sessões nas cidades. As pessoas estudavam a doutrina e tinham na caridade, bem como na assistência aos necessitados, sua preocupação. “Mas também mais e mais pessoas buscavam a comprovação da existência de espíritos e a consolação de conversar com os mortos” (PRIORE, 2014, p. 77).

De acordo com a historiadora Mary del Priore: “[...] frequentavam-se as missas e procissões assim como as lojas maçônicas ou as reuniões positivistas; da mesma forma consultar-se iam os médiuns receiptistas, nos finais do século, sem renunciar à crença oficial” (PRIORE, 2014, p. 49). No Brasil, o sincretismo religioso sempre ocorreu, ou seja, as crenças populares misturaram o culto dos santos católicos aos rituais africanos e indígenas⁵.

Em uma comunidade católica, José Ferreira de Moraes cresceu, bem como passou os últimos dez anos de sua vida dedicando-se ao exercício da Medicina. No decorrer da pesquisa, encontramos evidências do catolicismo da família. Na fazenda em que José Ferreira de Moraes viveu (São Borja), encontramos a gruta onde a mãe do biografado tinha um oratório (com imagens de santos).

Logo, parte-se do pressuposto de que o biografado não rompeu os laços com o catolicismo. Apesar de a narrativa biográfica ser escrita e reescrita em virtude da impossibilidade de conclusão, bem como da subjetividade dos resultados, é provável que o Dr. José Ferreira de Moraes (que detinha prestígio social em virtude da profissão) tivesse uma vida católica normal. “[...] O que mais

5 “[...] Mas, nos meios intelectuais e burgueses, preferiram-se respostas buscadas nas doutrinas constituídas “cientificamente” [...]” (PRIORE, 2014, p. 49).

irritava a igreja era o fato de os espíritas serem ótimos católicos, frequentadores das missas dominicais [...]” (PRIORE, 2014, p. 76).

No respectivo contexto de transição do Império para a República – onde não havia ainda ocorrido a laicização do Estado – era elementar perante a sociedade o *status* de católico, pois significava que estava de acordo com o sistema, ou seja, que o indivíduo era parte deste e estava de acordo com o Estado, pois o catolicismo não era apenas uma crença, mas um pilar político. Exemplo disso era a necessidade de provar ser católico para colar grau acadêmico. Por essas e outras imposições, brasileiros praticavam as mais diversas doutrinas sem rejeitar sua condição de membro da Igreja Católica (PRIORE, 2014).

De um lado, Dr. José Ferreira de Moraes dedicava-se ao trabalho como médico, de outro, estudava profundamente a doutrina espírita. Entre outros resultados de sua dedicação para compreender o Espiritismo, resultou a fundação do primeiro Centro Espírita, no Rio Grande do Sul, em São Borja, em 30 de novembro de 1888 (OLEA, 2008, p. 1). Existem lacunas significativas na historiografia quanto ao Espiritismo no Rio Grande do Sul. A produção existente é limitada no que diz respeito ao processo de fundação das sociedades espíritas, as divergências internas, entre outros aspectos.

De acordo com Marcelo Lima Melnitzki:

Resta-nos, portanto, identificar minimamente algumas datas, instituições [...] Em Porto Alegre as primeiras sociedades espíritas foram fundadas no final do século XIX e início do século XX. Trata-se da Sociedade Espírita Allan Kardec, fundada em 13 de julho de 1894 e o Instituto Espírita Dias da Cruz, em 27 de fevereiro de 1907 (MELNITZKI, 2012, p. 78).

Já sobre as atividades profissionais, Dr. José Ferreira de Moraes registrou seu diploma na Secretaria da Comarca de sua cidade natal, São Borja, em primeiro de março de 1883. Efetivado tal registro, poderia abrir, em sua própria residência, seu consultório (no interior de São Borja) para emergências e acompanhamentos médicos.

A partir de então, sua “fama” como “pai dos pobres” difunde-se gradativamente. Seu consultório passa a ser bastante visitado. Seus dez anos de atuação na Vila de São Borja trouxeram acesso à saúde, sobretudo, aos carentes. Além disso, destaca-se que as pessoas não precisariam viajar às capitais ou grandes centros em busca de atendimento médico, que, na época, era demasiadamente escasso no Rio Grande do Sul.

Sobre o panorama da Medicina no Estado, em 1890: “[...] ano I do novo regime da nova República brasileira. Estado do Rio Grande do Sul: 52 mil habitantes, aproximadamente. Médicos: 37 [...]” (SANTOS, 2007, p. 103). Portanto, curandeiros, homeopatas e charlatões atuavam no campo das curas extramédicas.

Além disso, pouco tempo após a morte do biografado, o decreto nº. 44 de 2 de abril de 1895, que regulamentou os serviços de higiene na capital, dizia, grosso modo, que quem quisesse exercer a Medicina poderia fazê-lo mediante inscrição de registro na Diretoria de Higiene e Saúde do Estado, regularizando as práticas extramédicas antes clandestinas. Logo, os médicos sentiram fortemente os efeitos da filosofia positivista, que reinou soberana no governo estadual entre 1890 e 1930.

Os positivistas recusavam a hierarquia social, bem como as distinções que pudessem interferir na liberdade de espírito dos cidadãos. “[...] A consequência disso foi o adiamento da regulamentação da profissão médica, o que somente se deu em 1932 [...]” (SANTOS, 2007, p. 103). As relações multifacetadas entre poderes, governo, médicos, extramédicos, homeopatia, medicina clínica e medicina psiquiátrica não são fáceis de compreender no respectivo contexto. A história da Medicina e da saúde no Rio Grande do Sul ainda está em construção, embora muitas pesquisas já tenham sido realizadas, trazendo informações significativas para a compreensão desse passado.

Enquanto atuava como médico, bem como promovia o Espiritismo na Vila de São Borja, Dr. José Ferreira de Moraes recebe um mensageiro com o convite formal de seu ex-colega de faculdade Dr. Pinheiro Machado⁶ para compor o denominado corpo de saúde da Divisão Norte que apoiava Júlio de Castilhos na Revolução de 1893 (OLEA, 2008, p. 9).

Devendo o referido médico apresentar-se na corporação de Uruguaiana [...] Ao chegar foi recebido no quartel da Divisão do Norte e nomeado coronel chefe do Corpo de Saúde da Divisão para acompanhar a Revolução de 1893, dando assistência aos feridos em combate e aos demais necessitados (OLEA, 2008, p. 9).

A Revolução Federalista (1893-1895) foi o conflito que opôs federalistas – contrários ao Partido Republicano Rio-Grandense (PRP) – e castilhistas – defensores do governo de Júlio de Castilhos (PRP), do positivismo e da centralização política – no Rio Grande do Sul, no contexto que abrange a ascensão e a consolidação do castilhismo à frente do poder político sul-rio-grandense (RECKZIEGEL, 2004, p. 23).

No plano político, os federalistas propunham a suspensão da Constituição republicana estadual castilhista, a deposição de Júlio de Castilhos e esperavam que o movimento fortalecesse conspirações então em curso no Exército, na Marinha e entre civis para depor Floriano Peixoto, que apoiava os republicanos rio-grandenses. Os sublevados queriam a substituição do presidencialismo pelo parlamentarismo. Com a participação parlamentar do poder, pretendiam barrar as reformas que os republicanos históricos propunham fazer, contrárias aos interesses dos grandes criadores rio-grandenses (MAESTRI, 2010, p. 240).

O médico e federalista Ângelo Dourado – que vivenciou o conflito – escreveu sobre a morte do biografado:

Uma das primeiras victimas no exercito castilhista foi o Dr. Moraes, clínico em S. Borja, onde gosava do melhor conceito como medico, e do maior respeito como humanitário. Elle como brasileiro, tendo abandonado a politica castilhista por ver n'ella a marcha acelerada para destruição do Rio Grande, não pode ver seguir para a luta seus patrícios, sem um medico para cuidar-lhes dos feridos. Depois voltaria para o seio da familia com a consciencia de quem cumprio com o seu dever [...] Cuidava de um official ferido mortalmente, e apenas terminou o seu serviço, uma bala estendeu-o morto sobre o ferido. La está elle sepultado à beira do arroio Inhanduhy. Colhi por ali no banhado algumas flores de nypheas e fui depositar-lhe na sepultura (DOURADO, 1979, p. 42).

Eudon Henrique Nunes Olea reproduz fontes primárias – em seu trabalho biográfico – concernente à posição política de José Ferreira de Moraes:

9. Fernando O. M. O'Donnel – em Notas de Arquivo (I): Conterrâneo, colega e amigo de Álvaro Batista, José Ferreira de Moraes não apreciava política, ao contrário daquele propagandista. Extremamente dedicado a ciência médica, tão logo regressou a São Borja consagrou-se clínico humanitário e homem de rara espiritualidade. Sabia-se porém, que, embora amigo pessoal de Pinheiro Machado desde os tempos acadêmicos, no Rio de Janeiro, não comungava com o castilhismo. Quando, às insistências deste, foi prestar serviços na Divisão do Norte, ficou claro que faria em nome da caridade mais do que de suas convicções [...] (OLEA, 2008, p. 12-13).

Logo, várias questões tornam-se explícitas no decorrer da narrativa biográfica do ponto de vista

6 Contudo, José Gomes Pinheiro Machado, então senador, que deixa a respectiva função na capital da República para combater no Rio Grande do Sul ao lado dos castilhistas, formou-se em 1878 pela Faculdade de Direito do Largo de São Francisco (São Paulo).

da pesquisa histórica: Onde e quando se deu a relação de amizade entre Pinheiro Machado e José Ferreira de Moraes? Qual é a gênese da grande influência do primeiro sobre o segundo? Qual a relação de Ângelo Dourado com o biografado? Quais os motivos para o descontentamento do biografado em relação ao castilhismo? A política de saúde do incipiente governo castilhistas seria o principal motivo para o suposto descontentamento?

Também encontramos na pesquisa outras problemáticas que surgiram no decorrer da narrativa biográfica. Os espíritas posicionaram-se contrários à escravidão. Porém, existem evidências de que, no círculo familiar do biografado, existia a utilização de mão de obra escrava.

Diante da baixa oferta de mão-de-obra livre, os grandes proprietários recorriam à escravidão para obter trabalhadores para as diversas atividades no interior das estâncias. Por isso, o índice de concentração de escravos foi elevado no Rio Grande do Sul. Em 1874, a província possuía 21,3% de cativos, índice apenas inferior, em termos proporcionais, ao da província do Rio de Janeiro (39,7%) e ao do Espírito Santo (27,6%). Superior, portanto, ao de São Paulo e ao de Minas Gerais, por exemplo. Quanto à população escrava em números absolutos, naquele ano o Rio Grande se posicionava em sexto lugar (ZARTH, 2006, p. 191-192).

Ressalta-se que a abolição da escravidão ocorreu no Império, em 1888, ou seja, no mesmo ano em que José Ferreira de Moraes funda o centro espírita. Qual era a posição de José Ferreira de Moraes em relação à escravidão? O biografado era proprietário de escravos? Além disso, outras questões que não foram abordadas – em virtude do período da pesquisa – envolvendo heranças de propriedades seriam importantes para a compreensão das relações sociais no âmbito familiar.

Além disso, outro aspecto é elementar. O entendimento do conceito de “ilusão biográfica”⁷ formulado pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu. O historiador deve ter o cuidado de narrar uma vida, pois trabalha concomitantemente com cronologia linear e percurso de vida que não é linear. “[...] Bourdieu fez duras críticas [...] da maior parte das narrações de vidas, que identifica na linearidade com que é descrito, de forma geral, o percurso de uma vida. O perigo da falsificação por meio desse finalismo [...]” (BORGES, 2005, p. 215).

Portanto, devem-se evitar finalismos superficiais, por exemplo, afirmações da seguinte natureza: “Desde criança, o biografado queria ser médico para ajudar o próximo” ou “Sempre seguiu as orientações da doutrina espírita”. Em virtude de o historiador conhecer a trajetória do biografado (desde o nascimento até a morte), pode incorrer na armadilha da “ilusão biográfica”. “Em suma, a história não é uma sequência coerente e contínua de acontecimentos conectados entre si (...)” (LORIGA, 2011, p. 67).

5. Considerações Finais

A presente pesquisa não pretende encerrar um estudo biográfico, pelo contrário, o surgimento dessas problemáticas demonstra o caráter contínuo da biografia no campo histórico, a interpretação do historiador em relação ao objeto de pesquisa, bem como as limitações do trabalho deste profissional.

Todavia, é um avanço significativo em termos de contribuição para a história local e regional, bem como um “ponto de partida” para questões que foram abordadas e necessitam de aprofundamento. Os estudos biográficos – da perspectiva histórica – proporcionam a recuperação do mundo das experiências comuns e a reflexão sobre o próprio vivido.

7 Ver: BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). Usos & Abusos da história oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

Enfim, a narrativa biográfica corrobora para promover a multidimensionalidade que constitui o social, bem como contribui para a constituição da identidade histórico-cultural de uma comunidade.

Referências

AURELL, Jaume. **A escrita da história**: dos positivismos aos pós-modernismos. São Paulo: Sita-Brasil, 2010.

BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 203-233.

COLVERO, Ronaldo Bernardino; ASSIS, Ataídes André de Oliveira. **Itaqui nas fronteiras Ibero-Americanas (1801-1889)**. São Borja: Faith, 2012.

DAVIS, Natalie Z. **O Retorno de Martin Guerre**. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

DORATIOTO, Francisco Fernando Montoliva. **Maldita Guerra**: nova história da Guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

DOURADO, Ângelo. **Voluntários do Martírio**: narrativa da Revolução de 1893. 3. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1979.

GAY, Peter. **Freud para historiadores**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

GOUBERT, Pierre. História Local. **História & Perspectivas**, Uberlândia, v. 6, p. 45-47, jan/jun 1992.

KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**. São Paulo: Instituto de Difusão Espírita, 1985.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (org.). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 225-249.

_____. **O pequeno x**: da biografia à história. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

MAESTRI, Mário. **Breve história do Rio Grande do Sul**: da Pré-História aos dias atuais. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2010.

MELNITZKI, Marcelo Lima. **As regras espirituais são tão exatas e positivas como as ciências materiais**: as representações sobre a ciência no Jornal Espírita. 2012. 157 f. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

OLEA, Eudon Henrique Nunes. **Biografia**: José Ferreira de Moraes e dados históricos. São Borja, 2008.

PRIORE, Mary Del. **Do outro lado**: a história do sobrenatural e do espiritismo. Rio de Janeiro: Planeta do Brasil, 2014.

RECKZIEGEL, Ana Luiza Setti; COLUSSI, Eliane Lucia. Fontes, acervos e documentos para o estudo da história política do Norte do RS (1850-1950). **MÉTIS**: história & cultura. v. 3, n. 5, p. 31-38, jan/jun. 2004.

_____, 1893: A Revolução além fronteira. In: GOLIN, Tau; BOEIRA, Nelson (Coord.). **História Geral do Rio Grande do Sul** : República Velha (1889-1930). Passo Fundo: Méritos, 2007. v. 3, t. 1, p. 23-56.

RILLO, Apparicio Silva. **São Borja em perguntas e respostas**. São Borja: Câmara Municipal de Vereadores de São Borja, 2012.

SANTOS, Nádia Maria Weber. Práticas de saúde, prática da vida: medicina, instituições, curas e exclusão social. In: GOLIN, Tau; BOEIRA, Nelson (Coord.). **História Geral do Rio Grande do Sul: República Velha (1889-1930)**. Passo Fundo: Méritos, 2007. v. 3, t. 2, p. 101-132.

SCHMIDT, Benito Bisso. História e biografia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 187-206.

_____. Quando o historiador espia pelo buraco da fechadura: biografia e ética. **História**, São Paulo, v.33, n.1, p. 124-144, jan./jun. 2014.

TEDESCO, João Carlos. **Passado e presente em interfaces**: introdução a uma análise sócio-histórica da memória. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2011.

TEIXEIRA, Iberê Athayde. **O Martírio de São Borja**: a Guerra do Paraguai na Fronteira do Rio Grande. Santo Ângelo: EDIURI, 2015.

ZARTH, Paulo Afonso. A estrutura agrária. In: GOLIN, Tau; BOEIRA, Nelson (Coord.). **História Geral do Rio Grande do Sul: império**. Passo Fundo: Méritos, 2006. v. 2. p. 187-213.